

“LIDA BRABÍSSIMA”: A CULTURA DA CAÇA COMO CONSTITUIDORA DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NA PECUÁRIA EXTENSIVA NO PAMPA BRASILEIRO

Flávia Maria Silva Rieth*

Daniel Vaz Lima**

Eric Barreto***

RESUMO

Dando seguimento à reflexão do “INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé”, pesquisa que descreveu as práticas – entendidas como lidas campeiras - associadas à atividade da pecuária no pampa brasileiro, esta etnografia trata da lógica da caça como constituidora do modo de vida dos peões campeiros durante o manejo das atividades da criação extensiva de rebanhos bovinos, equinos e ovinos. Atenta-se para os diferentes manejos dos rebanhos – o “tradicional” e o “racional” –, em que figuram diferentes percepções acerca das relações entre humanos e não humanos. O modo de vida dos campeiros, que têm habilidade no manejo destas práticas, está diretamente relacionado com outros animais, artefatos e ambientes característicos do pampa. O aprendizado do trabalho consiste numa “educação da atenção” (INGOLD, 2010), na qual as habilidades são incorporadas por meio da percepção e da convivência entre humanos e não humanos. A lida campeira é concebida como brabíssima, visto que é preciso encarar as intempéries climáticas e os animais xucros, demandando muita força física que, na linguagem do campeiro, significa ter “força no braço”. A partir da descrição do gosto destes trabalhadores por manter relações próximas à caça com animais de criação – correr atrás do boi, laçá-lo –, propomos refletir sobre as lidas campeiras como modo de vida pautado pelas noções de caça e domesticação tanto de animais humanos quanto de animais não humanos.

Palavras-chave: Modo de vida campeiro. Cultura de caça. Relação entre humanos e não humanos.

“Lida brabíssima”: The culture of hunting as relevant in the relation between humans and animals in extensive cattle breeding in the Brazilian Pampa.

ABSTRACT

Following the reflection of the “INRC – Campeiras Handling in the Bagé region”, a research which described the practices – understood as *campeiras handling* – associated to the cattle breeding activity in the Brazilian Pampa, this ethnography deals with the logic of hunting as relevant in the way of life of countryside peasant during the handling of the activities of extensive breeding of cattle, horse and sheep herds. We focus on different handlings of herds – the “traditional” and the “rational” –, comprising different perceptions concerning the relations between humans and non-humans. The way of life of countryside men, who have the skill to handle such practices, is directly related to other animals, artifacts and characteristic environments from the Pampa. The apprenticeship of the work consists of a so-called “attention education” (INGOLD, 2010), in which the skills are incorporated through the perception and the interaction between humans and non-humans. The campeira handling is seen as *very rough*, as it is important to face the challenging weather conditions and the non-tamed animals, demanding a lot of physical strength which, in the countryside men’s language, it means having “strength in the arm”. Based on the description of the taste of such workers for keeping close relations to hunting with farm animals – running after the ox, lacing it –, we propose the reflection on the campeiras handling as a way of life ruled by these notions of hunting and domestication both of human animals and non-human animals.

Keywords: Campeiro’s way life, hunting culture, relationship between human and nonhuman.

* Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt – UFPel). Contato: riethuf@uol.com.br.

** Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt – UFPel). Contato: dvlima.vaz@gmail.com

*** Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt – UFPel). Contato: ericsbbarreto@gmail.com

“Lida bravíssima”: la cultura de la cacería como constituyente de las relaciones entre humanos y animales en la pecuaria extensiva en la pampa brasileña

RESUMEN

Siguiendo la reflexión del “INRC - Lidas Campeiras na região de Bagé”, pesquisa que describió las prácticas - entendidas como faenas camperas - asociadas a la actividad de la pecuaria en la pampa brasileña, esta etnografía trata de la lógica de cacería como constituidora del modo de vida de los peones camperos durante el manejo de las actividades de crianza extensiva de rebaños bovinos, equinos y ovinos. Atentase para los diferentes manejos de los rebaños - el “tradicional” y el “racional” - en que figuran diferentes percepciones acerca de las relaciones entre humanos y no humanos. El modo de vida de los camperos, que tienen habilidad en el manejo de esas prácticas, está directamente relacionado con otros animales, artefactos y ambientes característicos de la pampa. El aprendizaje del trabajo consiste en una “educación de la atención” (INGOLD, 2010), en la cual las habilidades son incorporadas por medio de la percepción y de la convivencia entre humanos y no humanos. La faena campera es concebida como bravísima, puesto que es preciso encarar a las intemperies climáticas y a los animales chúcaros, demandando mucha fuerza física que, en el lenguaje del campero, significa tener “fuerza en el bazo”. A partir de la descripción del gusto de estos trabajadores por mantener relaciones próximas a la cacería con animales de crianza - correr detrás de los bueyes, enlazalo - proponemos reflejar sobre las faenas camperas como modo de vida fundamentado por las nociones de caza y domesticación tanto de animales humanos como de animales no humanos.

Palabras clave: Modo de vida campero; cultura de caza; relaciones entre humanos y no humanos.

I. INTRODUÇÃO

Em que consiste o pampa na percepção de um peão campeiro¹ Sabemos que a denominação “pampa”, do vocábulo quéchua, significa “área baixa e plana”. A vegetação composta por gramíneas apresenta, ao nosso olhar, planícies imensas e desertas com pequenas matas, principalmente em volta dos cursos de água, criando a sensação de solidão e também de que o tempo e o espaço são imóveis (LEAL, 1989). Entretanto, ao vivenciar o pampa com os campeiros, também aprendemos que este é percebido a partir de uma relação de alteridade: ao caminhar pelos campos, o etnógrafo percebe que o olhar que encontra bois, cavalos, pica-paus e quero-queros é também “encontrado” pelo olhar deles; os cavalos e bois param de pastar para nos olhar e acompanhar nossos movimentos; os quero-queros e os pica-paus denunciam nossa presença e quebram o silêncio com seus gritos. Estamos constantemente criando relações, pois nossas presenças, olhares e linhas de devir (INGOLD, 2012) se encontram. O etnógrafo aprende que o pampa é constituído por meio das relações que se estabelecem entre os humanos com os diferentes ambientes, com os artefatos e

com os outros animais, e é construído a partir de suas circulações.

No contexto do pampa experienciamos um modo de vida em que humanos e outros animais vivenciam um jogo de olhares e de forças, sendo encontros que deixam marcas e saberes. A lida campeira – saberes e modos de fazer que envolvem a manutenção da pecuária – é concebida como bravíssima, pois é um modo de vida experimentado em meio às intempéries climáticas, manejo de gado bravo e cavalos xucros, demandando muita força física (o que significa, na linguagem do campeiro, a necessidade de ter “força no braço”) e atenção que, por sua vez, é educada no vivenciar e habitar o ambiente (INGOLD, 2012).

As considerações apresentadas neste artigo² estão vinculadas à nossa participação no “Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS”, que identificou, descreveu e reconheceu a pecuária extensiva (criação de bovinos, ovinos e equinos com fins econômicos) e os saberes e modos que a compõem como referência na constituição da cultura pampiana, transformando-a em patrimônio cultural

¹ Pessoas que vivenciam ou vivenciaram os saberes e modos de fazer que envolvem a manutenção da pecuária.

² A primeira versão deste texto foi apresentada no GT 32 “Ser animal, ser humano: saberes y haceres en las relaciones entre humanos y animales” da XI Reunión de Antropología del Mercosur, realizada em Montevideo – Uruguai no ano de 2015. Agradecemos as contribuições dos coordenadores do GT - Felipe Vander Velden, Martha Ramírez-Gálvez e Celeste Medrano - e dos demais apresentadores que participaram do encontro.

brasileiro. O inventário se constituiu a partir de uma demanda da Prefeitura de Bagé ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (IPHAN), acolhida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia. A pesquisa fez uso da metodologia para o registro de bens imateriais do IPHAN e propôs levantar dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações estabelecidas entre humanos, animais não humanos, artefatos e paisagem envolvidos na pecuária praticada no pampa brasileiro, identificando os ofícios que a compõem, seus saberes e modos de fazer.³

A partir da descrição do gosto dos peões por manter relações próximas à caça com animais de criação – correr atrás do boi, laçá-lo -, propomos, nas linhas que seguem, uma reflexão sobre a pecuária enquanto modo de vida que se constitui sobre as noções de caça e domesticação de humanos e dos outros animais.

II. A LIDA COM O GADO NO PASTOREIO EXTENSIVO

Berros do gado, latidos de cães, gritos humanos, o tilintar das esporas. É dia de vacinação. Humanos e animais se movimentam em direção ao curral. Montados em cavalos, junto aos cães, os campeiros tocam adiante uma tropa de gado vacum. Homens, cavalos e cachorros, todos atentos ao movimento da tropa. Os bois atentos ao movimento dos cães e cavalos. As vacas com cria olham os cães, cuidando seus movimentos e vez por outra, avançam em direção a algum deles. O manejo com o gado leva em consideração a personalidade de cada grupo de animais. O gado xucro e as vacas com bezerros são os que demandam maior cuidado, pois podem atacar em algum momento de desatenção. Estes estão alerta à atenção dos cães e dos campeiros a cavalo, constituindo uma relação visual e constante de “vigilância recíproca” (SÜSSEKIND, 2014). Por outro lado, os animais que os campeiros manejam para conduzir a tropa são aqueles chamados de “gado manso”, posto que esses têm medo dos cavalos e

seguem os movimentos indicados por eles.

O observador, que está a pé, é percebido pelo gado, que entra em fuga em direção ao mato. Os campeiros solicitam que o observador se esconda, relatando que o gado tem medo de pessoas que estão a pé. Homens em cavalos e cachorros iniciam a tarefa de retomar o gado disperso. Um campeiro solta a rédea, uma corda feita de couro que liga a mão deste ao freio, tipo de embocadura com barra de ferro inteira, não articulada, que fica dentro da boca do cavalo. Esse movimento, em conjunto com a inclinação do corpo para a frente, comunica ao cavalo para que ele corra, fazendo-o iniciar um movimento rápido atrás de um novilho (boi de pouca idade), cercando o animal por longe até encontrá-lo, atacando a fuga. Outro campeiro a cavalo vem atrás e, juntos, cercam o boi fazendo a *paletteada*: juntam o corpo dos cavalos nos dois lados do corpo do bovino, tocando-o para junto da tropa. Cabe aos cães trazerem os bois que foram para o mato. A matilha, latindo em volta do novilho, faz com que este busque refúgio aos outros animais, fazendo-o sair do mato. O gado está novamente reunido e a atenção se intensifica, visto que a tropa aprendeu a fugir e constantemente vai tentar novamente.

Ao cruzar a porteira do potreiro em que se encontra a mangueira, os campeiros a deixam aberta, por descuido. Na entrada da mangueira, um novilho refuga, ou seja, consegue escapar e corre em direção à porteira aberta. Um peão libera a pressão das rédeas do freio que está na boca do cavalo, e este sai a galope atrás do boi que refugou. O cavalo corre por fora – em forma de arco – da trajetória que o boi está fazendo, encontrando-o na frente da porteira. Neste momento o campeiro puxa as rédeas, aumentando a pressão do freio e fazendo com que o cavalo pare bruscamente, fato esse que chamam *esbarrar*, atacando o *refugador*. Escutam-se os gritos de espanto pela velocidade e astúcia do cavalo, que é elogiado ganhando afagos no pescoço. A porteira – feita de arame prendido em piques, compostos por pequenas árvores de eucalipto (*Eucalyptus*) ou faxina vermelha (*Dodonaea viscosa*) cortadas – é

³ Destaca-se aqui os desdobramentos da pesquisa do Inventário, as dissertações de Daniel Vaz Lima, Eric Barreto e Liza Bilhalva sobre, respectivamente, a aprendizagem dos cavalos na doma, dos cães nas lidas campeiras e os campeiros na cidade, junto ao PPGAnt/UFPEL.

fechada.

Os animais são tocados para dentro da *mangueira*. Os campeiros e cachorros ficam atrás da tropa, gritando e fazendo-a entrar lentamente, ou seja, fazendo com que os primeiros entrem pela leve pressão dos últimos. O gado tem guampa e os peões descem dos cavalos, pois a guampa pode machucar o animal em algum ataque. Assim, pegam o *guizo*, uma vara de madeira de 1,5 metro de comprimento que apresenta uma espora numa das extremidades, cuja rodilha encosta no lombo do animal, causando dor e fazendo com que este siga para frente. O peão balança o artefato, cujo som remete ao bater do guizo de uma cobra cascavel (*Crotalus durissus*). O animal bovino conhece o barulho e, junto aos gritos dos peões, se movimenta para a frente. Os cavalos ficam atados perto da porteira da mangueira, composta por varas de madeira atravessadas entre um tronco e outro. O animal que chega perto recebe coices e mordidas, evitando uma possível fuga.

Os peões e os cães iniciam os trabalhos no gado: separam um lote com 15 animais vacuns que estão na área maior da mangueira, tocando-os para dentro de um espaço menor chamado *pera*. Esta denominação se dá pelo fato de que a forma do lugar consiste na mesma forma do fruto *pera* (*Pyrus communis* L.), sendo que uma das extremidades desemboca no *brete*, um corredor em que os animais ficam presos para serem vacinados. Os peões novamente separam, a partir do lote que se encontra dentro da *pera*, um número calculado de animais que caberão dentro do *brete*. É aconselhável não separar um lote maior que o tamanho do recinto, pois o animal que sobra e retorna juntos aos outros aprende a refugar a entrada do *brete*. Com gritos, latidos e os sons dos *guizos*, os animais vacuns são tocados para dentro o local. Eles têm que ficar apertados para não se movimentarem no momento em que se crava a agulha da seringa no couro e injeta-se o produto químico; no caso em questão, a vacina é para eliminar o carrapato (*Rhipicephalus microplus*). Quando entra o último animal, é colocada a *retranca* que atravessa os últimos troncos do *brete*. Os animais recebem a vacina, que é dolorida. Alguns tentam fugir e pular, outros se atiram no chão e os campeiros, com gritos e auxiliados

pelos cachorros que mordem, o fazem levantar. Os peões observam que os animais que ficam na *pera* se tornam apreensivos, pois conhecem o barulho da pistola que injeta o remédio e, assim, a atenção é redobrada. Nesse caso, aumenta-se a recusa dos bois para entrar no *brete*.

Após receberem a vacina, os animais são colocados noutra compartimento da mangueira. Não são soltos para o campo, pois a apreensão dos demais que ficam na mangueira aumentaria e as tentativas de fugir seriam mais constantes. A atenção dentro da mangueira é enfatizada e o peão não pode demonstrar medo. Embora esteja atento ao animal que poderá estar com intenções de o “*atropelar*” (de atacar), só poderá fugir quando perceber que o animal não está com medo dele. O peão consegue perceber quando o boi não demonstra medo e está com intenção de atacá-lo. Quando isso acontece, o campeiro deve subir nas tábuas da mangueira. Outra estratégia para manejar o boi “*que atropela*” é lotá-lo junto a um grupo de bois mansos que o acompanham até o *brete*.

O trabalho da mangueira termina e os animais são soltos para o campo. O campeiro tira as varas que fecham a porteira da mangueira e abre a porteira do *potreiro*. Os cavalos são levados para perto do *brete* e os bois, observando que a porteira está aberta, começam, lentamente, a sair, para depois correr em disparada na direção do campo. Os campeiros juntam as vasilhas com remédio e a seringa, guardando-as num saco que colocam nos *arreios* (conjunto de artefatos da montaria). Montam nos cavalos e, acompanhados dos cães que devem ficar sempre atrás, tomam a direção das suas casas. A *camperiada* e aqueles momentos de atenção e apreensão são comentados. O animal vacum que por ventura atacou ou tentou atacar está entre os comentários, e os peões se remetem à necessidade de redobrar a atenção no seu manejo. Ao mesmo tempo, é comentado o trabalho dos cachorros e dos cavalos, o que eles aprenderam, qual atividade tem maior habilidade e o que estão fazendo errado, necessitando de correção.

A lida com os ovinos (LIDAS CAMPEIRAS COM OVINOS, 2012) dentro da mangueira vai ao encontro da lida com os bovinos, embora sem a presença dos cavalos. O rebanho, que normalmente habita um espaço próximo à sede

da propriedade – chamado de *potreiro das casas* –, é tocado por campeiros a pé e cães. Usa-se cavalos nos casos em que esses animais se encontram em espaços distantes da sede. Entretanto, o serviço é realizado a pé dentro da mangueira. Tais como os bovinos, os ovinos são animais que vivem em grupos. Uma ovelha não consegue ficar sozinha quando em trabalho de mangueira. Nesse sentido, o trabalho leva em consideração a forma de ser desses animais, sempre trabalhando com coletivos.

A poeira da mangueira, o berro das ovelhas e os latidos dos cães constituem o ambiente para aquele que observa a lida com ovinos. Dois campeiros ficam dentro da mangueira com um rebenque para fazer com que os animais se movam, enquanto um terceiro será o responsável pela dosagem, que significa injetar remédio (vermífugo) pela boca. Os animais são divididos em grupos e tocados pelos campeiros e os cachorros até o *brete*. Quando os animais estão dentro do *brete*, o terceiro campeiro inclina a cabeça da ovelha e insere a cânula dosadora (cano de 20 cm de comprimento, ligado ao aparelho dosador) na boca do animal ovino, injetando o produto químico. Após, os animais vão para outro compartimento.

O manejo de animais ovinos requer alguns cuidados: os cascos podem machucar os pés dos peões. Além disso, são animais de movimentos rápidos e ariscos e podem quebrar a perna de um peão, em uma tentativa de fuga. O peão está atento aos movimentos dos animais e os faz adotarem um andamento compassado, de forma que aqueles que estão na frente façam o mesmo movimento. A não ser o carneiro, que é o reprodutor macho, os ovinos não atacam. Se um peão quer imobilizar um animal, ele precisa, em um movimento rápido, jogar o corpo no animal e abraçá-lo, segurando com uma mão a parte dianteira (peito) enquanto a outra vai controlar os seus movimentos. Nunca se segura o animal pela lã que cobre o corpo para não causar escabiose (sarna). Para derrubá-la, dobra-se o corpo acompanhando o corpo da ovelha e se segura as patas que ficam do outro lado (do lado em que ficam os pés do campeiro), puxando e virando-a para que ela fique com as patas para cima. Uma vez assim, o ovino fica imóvel, incapaz de reação.

Assim, humanos e os outros animais

vivenciam um jogo de olhares e de forças. Nos encontros visuais e corporais deixam-se saberes e marcas nos seus corpos que demonstrarão a experiência e vivência da lida.

III. A PECUÁRIA NO CONTEXTO DO PAMPA BRASILEIRO

O bioma pampa, que abarca a porção centro-meridional do Rio Grande do Sul, o Uruguai e grande parte da Argentina, presta-se enormemente à atividade pecuária por possuir enormes áreas de campos nativos, riquíssimos em espécies forrageiras autóctones de grande valor nutricional para o gado. A criação de bovinos, equinos, caprinos e ovinos teve início na época colonial, quando as fronteiras entre Portugal e Espanha estavam em disputa. Em ambiente propício, grandes manadas bovinas e equinas multiplicaram-se livremente pela Bacia do Prata. Por conseguinte, um contingente de homens passou a se dedicar à caça do gado selvagem, conhecido no sul do Brasil como chimarrão, étimo oriundo do espanhol cimarrón. Segundo o dicionário da Real Academia Española, o termo faz referência ao que era doméstico e evadiu-se para as cimas, para os montes, matas, voltando a comportar-se de maneira selvagem. A palavra também foi usada para denominar escravos fugidos na América espanhola.

Conforme se conformavam as estâncias através das concessões de sesmarias, elas se acomodavam a certas circunstâncias do contexto. Diversos cronistas dos séculos XVIII e XIX anotaram o modo peculiar como era conduzida a atividade pecuária, muitas vezes uma verdadeira caça ao gado em estado selvagem. Pintores como Jean Baptiste-Debret e Herrmann Rudolph Wendroth documentaram a lida com o gado asselvajado. Mesmo estabelecida uma estância e sendo marcado o gado (marca feita a ferro quente com a insígnia do proprietário para identificação), o manejo costumava ser pequeno, esparso, consistindo em castrações periódicas e ficando o gado solto na quase totalidade do tempo. Isso favoreceu o surgimento de peculiaridades no manejo, que se desenvolveu com a necessidade da força física para sujeitar os animais. Ferramentas como o laço e as boleadeiras foram essenciais (o laço ainda o é na maioria das propriedades da

região), e seu uso foi motivado, também, pela ausência de arames delimitando os espaços até o final do século XIX e início do XX, dependendo da localidade.

O gado vivia livre, pouco supervisionado, e um estrato social foi surgindo do aproveitamento da riqueza animal disponível. Batizados de gaudérios e depois gaúchos, abatiam indistintamente animais sem dono e animais pertencentes a estâncias e chácaras, viviam em errância pela vasta região, empregando-se ocasionalmente como peões. Esse modo de vida foi se transformando com o cercamento dos campos e o sentido do termo gaúcho se modifica até virar gentílico. Inicialmente pejorativo (muitos intelectuais e homens públicos da época, como Domingo Faustino Sarmiento, presidente da Argentina, apontavam os problemas desse tipo social, abigeatário e refratário a leis e regras), o termo foi mudando de conotação, passando aos poucos a designar os trabalhadores rurais em geral.

Diversos autores (Severino Sá Brito, Gonçalves Chaves etc) relacionaram a maneira com a qual as pessoas lidavam com o gado ao que era visto como primitivismo do Estado, ainda estabelecendo conexão entre a falta de planejamento empreendedor com a chamada imprevidência do indígena, traço que teria sido transmitido aos demais habitantes, mestiços ou não. Isso pode ser problematizado, levando em consideração que, paralelamente a estabelecimentos rurais com pouco e rústico manejo, havia grande número de produtores interessados no melhoramento de suas propriedades, importando animais e tecnologias entre o que havia de mais avançado na época.

Não obstante o alto investimento em plantéis e técnicas agropecuárias de parcela significativa dos produtores rurais, é possível afirmar que outra expressiva parcela destes produtores viu e vê com reservas as inovações na atividade pecuária. Em conversas com médicos veterinários que atendem grandes animais, são constantes os relatos de resistência de produtores rurais quanto à administração de medicamentos e aos procedimentos necessários à cura ou prevenção de enfermidades. Métodos de pastoreio rotativo encontram dificuldade de implantação, pois contrariam a maneira tradicional de manejo. O

método Voisin, por exemplo, prescinde do uso de cavalos e cães. Seu Nilo e Dona Percila, que residem no município de Bagé, implementaram o pastoreio Voisan na Fazenda Conquista, localizada no mesmo município, e se referiram à dificuldade de encontrar mão de obra: quando os possíveis funcionários sabem que não trabalharão a cavalo, desistem do emprego.

Salvo poucas exceções, o gado é criado solto na região do pampa brasileiro, tanto nas grandes estâncias como nas médias e pequenas propriedades. Deve-se frisar que, ainda que os animais fiquem soltos, quase sempre ocorre a delimitação dos espaços com arames ou cercas elétricas, de modo a manter separados, por exemplo, as vacas dos touros, ou animais com idades e destinos diferentes. Ainda assim, os espaços disponíveis são grandes, o que favorece a permanência de métodos que se assemelham a uma caçada. O uso de laço e cães para sujeitar as reses e ovelhas, o cavalo para conduzir os rebanhos e a paisagem sonora intensa e por vezes agressiva, com gritos e latidos, constituem o cotidiano de propriedades rurais com manejo de pecuária extensiva, etnografadas nas pesquisas do INRC e seus desdobramentos. Há lugares onde o gado é manso e acostumado com as pessoas da propriedade, e a esse chamam gado costeado. Em casos assim, os animais podem responder ao simples chamado ou assovio do peão, e a condução através do campo costuma ser tranquila, como é o caso do método Voisan. Porém, em muitas propriedades a simples aproximação do rebanho é custosa e sua condução só é possível através de gritos e demonstrações de força.

Em todo rebanho existem animais mais mansos do que outros. Algumas reses têm a tendência de se esconder em matos ou fugir em disparada para longe do restante. Nesses casos, o procedimento comum é a perseguição a cavalo e/ou o emprego de cães para arrebanhar os animais de difícil manejo. Nessas situações a imagem de uma caçada é mais perceptível. O que mais se verifica é um distanciamento cotidiano entre pessoas e gado de corte, com aproximações periódicas para castrações, vacinas e outras necessidades. Faz parte da rotina das estâncias a recorrida a cavalo pela propriedade, quando o encarregado observa se há arames danificados, sinais de abigeatários, animais mortos ou doentes.

Sobre o uso de cães em caçadas e no manejo do gado, é possível encontrar um paralelo. Em caçadas de javali, costuma-se soltar os cães para encontrar o rastro da presa, que depois de localizada é cercada pela matilha até a chegada do caçador, que procede ao abate. Quando o alvo é o tatu, novamente os cães farejam a presa que, ao sentir-se ameaçada, entra em sua toca, de onde os cães dificilmente conseguem tirá-la. Então é a vez do caçador, munido de pá, desentocar a caça. Muitas vezes a lida com reses bravias é similar, com os cães cercando e os campeiros laçando ou jogando o peso do cavalo por cima do bovino. Em regiões de vegetação nativa densa e relevo acidentado, como na região das Palmas em Bagé ou na Serra do Sudeste, que abarca o município de Piratini e outros, frequentemente algumas cabeças de gado se escondem no meio das árvores, em locais onde o cavalo não entra. Cabe aos cães retirá-los do entrincheiramento, numa tarefa análoga à caça, apenas sem a última etapa, que seria o abate.

A historiografia aponta a existência de gados asselvajados que eram literalmente caçados na época colonial. Também registra a permanência de manejo idêntico ou similar nas primeiras estâncias da bacia do Rio da Prata, e o prosseguimento de métodos de criação parecidos até o século XX em muitos locais, mesmo com a progressiva modernização da pecuária ocorrida na região. A etnografia fornece, hoje, retratos similares aos de épocas passadas, nos quais a relação entre o campeiro e o gado assemelha-se a uma relação entre predador e presa. Seria simplista propor uma continuidade linear, ou permanência de idênticas características em um sistema pecuário supostamente imutável. Não é o caso. Entretanto, podemos pensar, à guisa de introdução para estudos e reflexões futuros, em uma lógica da caça permeando o manejo tradicional do gado na região do bioma pampa no Rio Grande do Sul. Interloquções com pecuaristas, veterinários e zootecnistas fortalecem a tese deste artigo, pois entre esses profissionais há o entendimento de que é difícil, na maior parte das vezes, convencer muitos produtores a modificarem alguns de seus métodos de trabalho. Segundo prestadores de assessoria técnica do setor primário, é comum esbarrar no discurso de que “sempre foi assim”, ou

que “os avós já faziam” de tal jeito, ou ainda que tal procedimento sugerido é “frescura, bobagem”.

A literatura especializada no manejo de bovinos desaconselha o uso de cães na atividade, já que estes elevam o estresse do gado e eventualmente ocasionam feridas com as mordidas. O uso de cavalos foi substituído por motocicletas ou quadriciclos em muitas partes do mundo, já que essas alternativas se mostram mais eficientes e econômicas. Métodos de pastoreio rotativo são, comprovadamente, uma proposta interessante economicamente. Mesmo que as informações sobre melhorias e inovações na pecuária estejam bastante disseminadas, manejos mais tradicionais são a preferência de muitos produtores rurais. Ainda que possa parecer falta de empreendedorismo, a questão é mais complexa. A maior parte dos interlocutores das pesquisas que originaram as ideias deste artigo tem a atividade pastoril como seu modo de vida, residindo no campo. Uma alteração em alguma etapa do processo produtivo não é simples interferência em sua atividade econômica, mas também uma interferência em seu modo de vida. Ao pensarmos a pecuária desenvolvida no contexto estudado como modo de vida, passamos a compreender melhor o porquê de certas preferências conflitantes com a otimização financeira serem mantidas. Nossas etnografias mostraram uma atividade pecuária que transcende uma atividade econômica que visa apenas lucro. As pessoas contatadas, em sua maioria, vivenciam um entrelaçamento entre trabalho, lazer e sensação de pertencimento, constituindo uma vocação para o setor primário e traduzindo um modo de vida que abarca o campeiro na relação com os não humanos.

IV. “LIDAS BRABÍSSIMAS”: A LÓGICA DA CAÇA CONSTITUINDO O MODO DE VIDA

O modo de vida dos peões campeiros é construído por meio de experiência e interação com os “outros”, sejam humanos, sejam não humanos. Os campeiros são trabalhadores que têm habilidade no manejo das lidas que envolvem as atividades de pastoreio para a manutenção da pecuária no pampa brasileiro. Quando vendem esse saber/fazer como força de trabalho, são chamados de peões. Embora

haja práticas que se sobressaem em termos de preferência, no sentido de uma convicção pessoal, uma “vocação”, passando a viver “de” e “para” determinado ofício (WEBER, 2006), esse saber/fazer não se limita a um conhecimento específico e um campeiro conhece o manejo dos diversos ofícios que compõem as atividades de pastoreio (RIETH et al, 2013). Liza Silva (2014), em sua descrição etnográfica, apresenta relatos da vida dos campeiros, mostrando que diferentes ofícios são praticados ao longo de suas trajetórias de acordo com os contextos em que estão inseridos, circulando por diversos lugares. Embora consideradas brabíssimas, estas práticas não são percebidas como negativas, pois têm agência na construção desse modo de vida. Descrito como árduo, perigoso e insalubre, esse modo de vida traz os atributos ontológicos necessários à construção desses humanos como pessoas, sendo a condição de sua existência (RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2015).

O trabalho – lidas campeiras – constrói e constitui ontologicamente os sujeitos, sejam os humanos ou animais próximos (SAHLINS, 2003), tais como os cães e os cavalos. Humanos, cavalos e cães estabelecem uma relação de ensino e aprendizagem na lida. É no cotidiano da lida que o campeiro aprende a se comunicar com o cavalo por meio dos artefatos e dos movimentos corporais, formando uma simbiose entre os dois corpos (LIMA, 2015). Por conseguinte, as habilidades de humanos e cavalos são complementadas pelas dos cães. Campeiros, cavalos e cachorros estabelecem uma relação entrosada, formando uma equipe, e a ação de um é complementada pela ação dos demais. Essa organização tem como objetivo segurar e conduzir o gado. Em cada movimento da tropa, acionam-se técnicas e determinados movimentos. Em sua dissertação, Éric Barreto (2015) etnografa sobre a aprendizagem dos cães na lida, que também se dá por um processo de incorporação de habilidades constituídas na experiência e na vivência do trabalho. Os cães jovens, por observação e imitação, vão aprendendo com os adultos antes de tomarem parte efetiva nas tarefas (BARRETO, 2015). Assim, humanos e animais não humanos se domesticam por meio dos encontros que transformam seus corpos e suas formas de vida.

O aprender das técnicas de pastoreio se dá

por meio da “educação da atenção”, conceito apresentado por Tim Ingold (2010). Para o autor, o fato do ser estar no mundo se envolvendo com outros entes que constituem o ambiente, além do próprio ambiente, desenvolve a “habilidade”, um conhecimento incorporado no *modus operandi* do organismo do animal humano, e também do animal não humano, por meio da “prática e treinamento, sob orientação de praticantes já experientes, num ambiente caracterizado por suas próprias texturas e topografias, e coalhado de produtos de atividade humana anterior” (INGOLD, 2010, p. 16). A “educação da atenção” é o aprendizado que se dá pelo “copiar”, sendo um misto de imitação e improvisação:

O iniciante olha, sente ou ouve os movimentos do especialista e procura através de tentativas repetidas, igualar seus próprios movimentos corporais àqueles de sua atenção, a fim de alcançar o tipo de ajuste ritmo de percepção e ação que está na essência do desempenho fluente (...) (INGOLD, 2010, p. 21).

Imerso num ambiente, o ser o habita e o envolve, sendo também envolvido por ele. O ser se junta ao processo de transformação do ambiente como “tecendo um fio” e as trajetórias, entendidas como “linhas de devir” de humanos e não humanos, saberes e modos de fazer, ao se encontrarem, criam diferentes combinações. O ambiente é, assim, um “imenso emaranhado de linhas” (INGOLD, 2012, p. 39) que se encontram e se misturam em combinações variadas num constante processo de transformação. O emaranhar dessas trajetórias constitui o ambiente. O modo de vida é entendido, desse modo, por meio da interação de diferentes seres, humanos e não humanos que constroem e influenciam as relações e são construídos através destas (LIMA, 2015).

O peão campeiro tem que conhecer a linguagem do boi, ou seja, através da observação do movimento corporal e do berro deste, deve saber como agir. Quando dentro de uma mangueira, o peão sabe qual o animal que é

manso e qual pode atacá-lo. O boi que “anda com a cabeça sempre em pé” é o mais agitado e pode atacar. Por conseguinte, “nunca se demonstra que está com medo do animal”, pois, se demonstrar, “até os mansos te atropelam”. O uso da violência é estabelecido por regras mercadológicas: não se pode bater no animal com rebenques e varas porque machuca a carne e, quando este for abatido, a parte machucada vai ser descontada no valor pago em dinheiro. Além disso, se condena a violência sem justificativa, considerando que esta ação deve ser uma resposta ao ataque. Os animais bovinos e ovinos são os mais distantes das relações com os humanos e são tratados de forma coletiva; entretanto, eventualmente algum bovino, como as vacas de leite que recebem nome e cuidados com ração e pasto, assim como um capão cuja mãe morreu e passa a receber leite na mamadeira, são incorporados no meio dos campeiros. Nesses casos, desfazer-se do animal é algo sentido e, muitas vezes, este é vendido para não ser abatido na propriedade.

Os animais vacuns, domesticados para a produção de carne e couro, também têm agência na construção das lidas. O estudo etnográfico de Joelma Batista do Nascimento (2014, p. 11) observa a relação entre agricultores e seus animais no agreste paraibano. A autora escreve: “O processo de domesticação de animais de produção pode ser compreendido por muitos como uma técnica que posiciona o animal na condição de ‘mercadoria’ (...)”. Contudo, o convívio cotidiano consiste “não apenas numa apropriação do animal pelo homem, mas, ao mesmo tempo, numa familiarização entre os dois (...)” e, assim, “homem e animal se domesticam nesse processo, ou seja, são ambos influenciados pela presença humana ou animal nesse contexto” (NASCIMENTO, 2014, p. 8). Existe uma ambiguidade na relação entre o humano e o boi, na qual, em certos momentos, este último encontra-se na condição de “sujeito”, estabelecendo-se uma relação afetiva entre humanos e animais que se comunicam; em outros, ele é tido como objeto ou “mercadoria”. A relação entre campeiros e animais bovinos e ovinos é menos próxima no sentido afetivo devido à dinâmica de circulação dos animais, que passam alguns dias no campo e são vendidos a qualquer momento.

Por serem destinados também ao consumo

humano, a relação deve ser “objetificada” para justificar o abate. Conforme Guilherme Howes Neto (2009), a morte faz parte do cotidiano do campeiro, sendo percebida como um fato da vida conforme nos disse um campeiro: “*Nesse mundo uns morrem para matar a fome dos outros.*” Sahllins (2003), tendo como campo a sociedade norte-americana, desenvolve a noção de uma “razão cultural” que hierarquicamente separa os animais comestíveis dos não comestíveis, sendo que a questão da relação entre humanidade e animalidade está relacionada ao status que o animal tem na “participação como sujeito ou objeto” quando em presença de humanos. Bois e porcos são considerados comestíveis, pois não participam como sujeitos nas relações com os humanos. Cavalos e cachorros são animais não comestíveis pelo fato de estarem próximos dos humanos, participando na condição de sujeitos. O cavalo participa na condição de empregado e não-aparentado e o cachorro é considerado um aparentado, o que explica o tabu de comestibilidade deste animal.

As transformações da pecuária influenciam diretamente nas configurações do trabalho e, conseqüentemente, no seu modo de vida. A pesquisa do INRC – Lidas Campeiras levantou dados sobre a introdução do método de pastoreio rotativo Voisin (LIDAS CAMPEIRAS COM BOVINOS/SISTEMA VOISIN, 2012) por seu Nilo e dona Percila, sendo um manejo que não utiliza implementos químicos como carrapaticidas, com alternância da ocupação das pastagens pelos animais, que altera a relação dos humanos e animais na lida extensiva. Para José, peão campeiro da Fazenda Conquista, no manejo é “*o boi quem segue o homem, não o homem quem corre atrás do boi*” e a lida é feita sem cavalos e cachorros. A convivência diária entre o gado e o peão a pé estreita a relação entre ambos. Segundo um interlocutor da pesquisa, o gado vê o humano de outra maneira, não como um predador, mas como “*uma pessoa que está lidando com ele todos os dias*”. José aprendeu a exercer o ofício de campeiro trabalhando nas estâncias, propriedades rurais voltadas para a pecuária extensiva, e percebe que a diferença entre as lidas se dá no fato de que, no método Voisan, o peão não “*toca as vacas*”, gritando e utilizando cachorros e cavalos, mas convida o gado com a expressão “*vem boi*”, e

este imediatamente responde, acompanhando o campeiro. O controle dos carrapatos não se dá por meio de injeção de produtos químicos, mas pela rotação dos piquetes e o controle natural feito pelas garças, que acompanham o gado e se alimentam desses artrópodes. Ao invés da cerca de arame, a cerca elétrica divide a propriedade em pequenas áreas chamadas de piquetes. Em vez de cavalos, cachorros, esporas e rebenques está o levante, uma vara com média de dois metros de altura que serve para levantar o fio da cerca elétrica para os animais passarem quando estão sendo trocados de piquetes. Os proprietários da Fazenda Conquista ressaltam a dificuldade em contratar campeiros para as lidas com o método Voisan: percebe-se uma resistência dos trabalhadores na “lida a pé”, sem cavalos, cachorros e os artefatos com os quais aprenderam a trabalhar. A preferência dos peões em correr atrás do boi ao invés de ensiná-lo a seguir seus passos reflete um modo de vida sustentado na lógica da caça, em que o animal domesticado se torna xucro quando manejado de forma tradicional.

V. CONCLUSÃO

Nesta etnografia discutimos a lógica da caça como constituidora do modo de vida dos peões campeiros durante o manejo das atividades da pecuária extensiva de rebanhos bovinos, equinos e ovinos no contexto do pampa brasileiro. A partir do contexto do pampa, apresentamos um modo de vida em que humanos e outros animais vivenciam um jogo de olhares e de forças, sendo encontros que domesticam os seus seres e corpos.

Ao descrever o gosto dos peões de manter relações próximas à caça com animais de criação, refletimos sobre as noções de caça e domesticação de humanos e dos outros animais. Assim, concebendo a pecuária no contexto estudado como um modo de vida, podemos compreender o porquê de certas preferências, que entram em conflito com a racionalização financeira, serem mantidas. Como um modo de vida, a atividade pecuária transcende a concepção de uma atividade econômica voltada exclusivamente para o lucro, tornando-se, além disso, uma questão cultural. A preferência em correr atrás do boi, ao invés do peão ensiná-lo a seguir os seus passos,

nos diz sobre uma cultura sustentada na lógica da caça, que torna o animal, então domesticado, um ser xucro, asselvajado, e demonstra o quanto são híbridos os manejos tradicionais e os manejos modernos, considerados racionais.

VI. REFERÊNCIAS

BARRETO, Éric. Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro. 2015, 116f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

HOWES NETO, Guilherme. De bota e bombacha: Um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo. 2009, 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria-RS, Santa Maria, 2009.

INGOLD, Tim. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. *Educação*, n. 1, v. 33, jan./abr. 2010, p. 6-25.

INGOLD, Tim. “Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes antropológicos*, n.37, ano 18, jan./jun. 2012 p. 25-44.

LEAL, Ondina Fachel. *The Gaúchos: male culture and identity in the Pampas*. Berkeley: University of Califórnia (USA), tese de doutorado, 1989.

LIDAS Campeiras com bovinos/Sistema Voisin. Direção: Cláudia Turra; Mauro Bruschi. Equipe: Flávia Rieth (coordenadora); Marília Kosby; Liza Bilhalva Martins da Silva; Marta Bonow Rodrigues; Pablo Dobke; Daniel Lima. Pelotas: LEPPAIS. DVD – documentário etnográfico, 2012.

LIDAS Campeiras com ovinos. Direção: Cláudia Turra; Mauro Bruschi. Equipe: Flávia Rieth (coordenadora); Marília Kosby; Liza Bilhalva Martins da Silva; Marta Bonow Rodrigues; Pablo Dobke; Daniel Lima. Pelotas: LEPPAIS. DVD – documentário etnográfico, 2012.

LIMA, Daniel. “Cada doma é um livro”: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. Pelotas, Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015.

NASCIMENTO, Joelma Batista do. “Domesticação de animais para produção: repensando a fronteira natureza e cultura”. Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014.

RIETH, Flavia; KOSBY, Marília; SILVA, Liza Bilhalva da; RODRIGUES, Marta; DOBKE, Pablo; LIMA, Daniel. Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (volume 3). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013, 356p.

RIETH, Flávia; RODRIGUES, Marta Bonow; SILVA, Liza Bilhalva da. As lidas campeiras na região de Bagé/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na cultura campeira. In: Nummer, Fernanda Valli; França, Maria Cristina Caminha Castilhos (Organizadoras). Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas. Belém: GAPTA/UFPA. 2015, p. 175 – 195.

SAHLINS, M. A Sociedade Ocidental enquanto cultura. In: _____. Cultura e Razão Prática: La pensée Bourgeoise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.185 – 199.

SÜSSKIND, Felipe. O rastro da onça: relações entre humanos e animais no pantanal. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

SILVA, Liza Bilhalva Martins da. Entre lidas: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade. Pelotas. 2014, dissertação (mestrado em antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, 2014.

WEBER, Max. Ciência e política: Duas vocações. São Paulo: Editora Martin Claret. 2006.